

# *As cartas de Franz Kafka a Milena Jesenská: um romance epistolar entre medos e desejos*

Tito Lívio Cruz Romão  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## **Resumo**

Em abril de 1920, Franz Kafka se encontrava em Merano, localidade então muito conhecida por suas estações terapêuticas para pacientes de doenças pulmonares, quando iniciou uma correspondência com Milena Jesenská. Tratava-se de uma jovem intelectual tcheca com um passado bastante atribulado, que se interessara em traduzir para o tcheco algumas narrativas kafkianas e publicá-las em revistas praguenses. Casada com o literato judeo-tcheco Ernst Pollak, Milena vivia em Viena, onde, no período imediatamente após o fim da Primeira Guerra Mundial, passava sérias dificuldades financeiras. Para Kafka, sua intensa correspondência com Milena se tornaria uma obsessão e, para ela, quiçá a promessa de um refrigério para suavizar seus muitos problemas cotidianos. Tanto devido à separação geográfica, pois Kafka vivia em Praga, quanto talvez às inibições sexuais do escritor, essa troca de cartas – de que somente se puderam recuperar as cartas escritas por ele – desembocou em poucos contatos realmente íntimos, tornando-se, muito mais, sobretudo para Kafka, uma forma de *escrever sobre cartas* (cf. STACH, p. 363). O objetivo central deste artigo é apresentar um panorama de três temas desenvolvidos a partir das cartas de Kafka à sua amada, a saber: a) a amante-tradutora de Kafka; b) Kafka e sua relação com línguas estrangeiras; e c) medo, angústia e ansiedade. Uma das conclusões apresentadas neste artigo aponta para a quase impossibilidade de uma vida em comum entre Milena, de certo modo acostumada a uma vida mais libertina e até mesmo à margem da lei, e Kafka, um homem extremamente sisudo e, ademais, cheio de temores em relação à prática sexual.

## **Palavras-chave**

Franz Kafka. Milena Jesenská. Correspondência.

„Wann wird man endlich die verkehrte Welt ein wenig gerade richten?“<sup>19</sup>  
(Franz Kafka)

## Introdução

Em abril de 1920, Franz Kafka se encontrava na localidade de Merano, na região bilíngue – atualmente pertencente à Itália – do Alto Ádige (ou *Südtirol*, na denominação alemã), quando escreveu uma carta a seu amigo Max Brod, aquele que mais tarde seria o guardião do espólio de narrativas literárias e íntimas de Kafka, inclusive os diários e a maioria das cartas escritas<sup>20</sup> pelo escritor. Sofrendo de sérios problemas pulmonares, dirigira-se a Merano, uma localidade então muito bem-conceituada como estância terapêutica por seu clima ameno e favorável à saúde. Em geral, ali eram encaminhadas pessoas acometidas de tuberculose pulmonar, mal que em 1924 poria termo à vida do autor. Em sua carta a Brod, Kafka discorreu sobre diversos assuntos, tais como seu estado de saúde, seu aumento de peso e seus problemas de insônia. Porém, a causa desse último desconforto não residia apenas na enfermidade: “Decerto que ela [a insônia] tem diversos motivos, talvez um deles seja a minha correspondência com Viena” (BROD, 1989, p. 275). Referia-se à nova paixão que incendiava seu coração:

Ela é um fogo vivo como nunca vi na minha vida, mas um fogo, aliás, que somente arde, todavia, por ele<sup>21</sup>. Mas que é extremamente delicada, corajosa, inteligente e tudo ela lança na vítima ou, também se poderia dizer, tudo ela conseguiu por intermédio da vítima. Mas também merece destaque o homem que é capaz de suscitar isso.

---

<sup>19</sup> Nossa tradução: “Quando finalmente se endireitará um pouco o mundo de pernas para o ar?”

<sup>20</sup> Nas obras completas de Kafka editadas por Max Brod, o volume intitulado *Briefe an Milena* [Cartas a Milena] foi organizado por Willy Haas (HAAS, 1952, p. 284), que assim explica o motivo: “A Max Brod, o poeta e editor do espólio de Franz Kafka, dirijo principalmente meu cordial agradecimento por ter deixado a meu encargo a edição deste volume epistolar. As próprias cartas me foram presenteadas em Praga, na primavera de 1939, por minha adorada amiga Milena – um pouco antes da invasão das tropas alemãs em Praga. Como não as pude levar comigo durante a fuga, meus familiares as guardaram fielmente em Praga durante os anos sinistros até 1945. Tenho todos os motivos para supor que Milena não tinha nada a objetar contra a publicação das cartas após sua morte. Da mesma forma, recebi, como ato de disposição de última vontade, o consentimento de seu então esposo, agora já falecido, que nessa correspondência desempenha um papel impossível de ser eliminado.” (Nossa tradução.)

<sup>21</sup> Referência a Ernst Pollak, marido de Milena Jesenská.

Esse é o primeiro registro escrito por Kafka sobre Milena Jesenská-Pollak, uma intelectual tcheca, treze anos mais jovem que ele e casada com o bancário Ernst Pollak. Por causa do emprego do esposo<sup>22</sup>, o casal vivia em Viena. Em seus *Diários*, a primeira vez que Kafka mencionou o nome de Milena foi em 15/10/1921 (BROD, 1989, p. 397), quando já trocavam cartas havia mais de um ano. Ali não chega a escrever o nome dela por extenso, apenas a letra inicial. Nesses registros, cerca de um ano e meio após o início de um romance que viria a ser mais epistolar que físico, manifesta-se o estado de tensão em que vivia Kafka, não só devido à difícil relação amorosa em que se envolvera, mas também aos problemas de saúde cada vez mais graves. Veja-se o trecho:

15 de outubro [de 1921]: Há mais ou menos uma semana, dei todos os diários a M. Um pouco mais livre? Não. Será que ainda sou capaz de manter uma espécie de diário? [...] Eu certamente poderia escrever sobre M., mas também não por livre opção; e isso também seria demasiadamente voltado contra mim, não mais preciso me conscientizar dessas coisas de forma complicada como antes, nesse sentido não estou mais tão esquecido como antes, tornei-me uma memória viva, por isso também a insônia. (ibid.; p. 397)

O fragmento acima prenuncia um dos temas recorrentes nas cartas endereçadas a Milena: a insônia. Porém, vários são os assuntos abordados por ele, dos quais se sobressaem o medo, os desejos, os interesses intelectuais em comum, os encontros planejados, a questão judaica, as doenças etc. Neste artigo, traçaremos um breve panorama de alguns dos temas tratados por Kafka nas cartas a Milena. Infelizmente não se sabe o paradeiro das cartas da amada. Os dois não trocavam apenas cartas, mas também cartões postais, bilhetes, telegramas, todos enviados em grande número e com obsessiva frequência. Sobre o momento em que os dois futuros amantes se viram a primeira vez, há quem arrisque afirmar, apoiando-se em suposições, que Kafka já vira Milena muito tempo antes de ser iniciada a correspondência. É o que indica esta citação:

Kafka já devia ter sabido de Milena muito antes de trocar as primeiras cartas com ela. Supõe-se que já pouco tempo após o início da guerra, ela, na época em que estava concluindo o Ensino Médio, ia regularmente ao Café Arco, junto com duas amigas: tchecas jovens, extravagantes, no meio de literatos alemães, elas trajando vestidos soltos, sem espartilho e sem meias, com fome de viver, atrevidas e prontas para correrem riscos. Decerto que o olhar de Kafka ocasionalmente repousava sobre essas *groupies* inconventionais; é lícito duvidar que ali ele tenha reconhecido mais do que a tendência pubertária à autoencenação. As três eram um bem-vindo fermento erótico;

<sup>22</sup> Cf.: “Ernst Pollak, nascido em 1886 [3 anos mais novo que Kafka] e com isso dez anos mais velho que Milena, era um desconhecido na literatura de expressão alemã, mas em *círculos* [grifo do autor] literários fazia parte das celebridades de Praga – o caso memorável de um ‘literato sem obras’. Assim como Brod, Kafka, Pick, [Ernst Pollak] escolhera uma profissão profana – era secretário-tradutor no banco austríaco *Österreichische Länderbank* –, mas sua erudição, eloquência e seu juízo literário diferenciado faziam de si o conselheiro de toda uma geração de autores praguenses.” (STACH, 2008a, p. 353; tradução nossa)

ninguém supunha que elas, apesar de seus conhecimentos literários, seriam futuras jornalistas e tradutoras. Todavia, as histórias desmesuradas que logo passaram a circular sobre Milena, Jarmila e Staša excitavam fantasias – ainda que não se soubesse quanto daquilo era verdade. (STACH, 2008a, p. 349)

Em primeiro lugar, apresentaremos um breve perfil de Milena, para melhor situarmos quem foi essa mulher que nos permitiu entrever, mediante sua correspondência com o arredo Kafka, o lado romântico de um homem que já noivara três vezes, duas delas com Felice Bauer. Moça de aparência simples<sup>23</sup>, Felice vivia em Berlim, e ele a conhecera na casa do amigo Brod em agosto de 1912. Encarnava um tipo feminino que começava a implantar-se na sociedade europeia da época: a mulher partícipe do mundo profissional e – na medida do possível – em pé de igualdade com os homens. O primeiro noivado com Felice aconteceu em 1914, desfazendo-se no mesmo ano; reatada a relação, veio o segundo noivado em 1917, que somente durou até dezembro do mesmo ano. O terceiro noivado de Kafka, que somente duraria meio ano, foi com uma judia tcheca chamada Julie Wohryzek, que conhecera na pensão em que se hospedara em Schelesen<sup>24</sup>, uma estância terapêutica no norte da Boêmia, durante sua segunda licença médica para tratar-se de problemas pulmonares. A forte oposição exercida pelo patriarca Hermann Kafka culminou no cancelamento do noivado.

Em setembro de 1917, Kafka recebeu o diagnóstico de uma tuberculose pulmonar que sete anos mais tarde seria a causa de sua morte. Desse modo, a correspondência com Milena nasceu também sob o signo dessa doença, que mais tarde, embora não de forma letal, a acometeria. Despontava uma nova paixão, que seria alimentada por cartas enviadas praticamente todos os dias, bem como por raros encontros, que o escritor aguardava com medo e desejo. Obcecado pela relação epistolar, como nos indica Stach (2008a, p. 363), Kafka não apenas escrevia cartas: “falava *sobre* cartas”.

## **1. A amante-tradutora de Kafka**

---

<sup>23</sup> O próprio Kafka escreve em seu diário: “Senhorita F. B. Quando fui à casa de Brod no dia 13 de agosto [de 1912], ela estava sentada à mesa e mais me pareceu uma criada. Eu também não tinha a mínima curiosidade de saber quem era, mas acabei logo fazendo contato com ela. Rosto trivial, ossudo, acusando abertamente sua trivialidade. Pescoço descoberto. Blusa vestida com desalinho, jogada sobre os ombros. Estava vestida de forma muito caseira, embora, como se mostraria mais tarde, não o fosse. [...] Nariz quase quebrado, cabelos louros, um tanto escorridos, desprovidos de encanto, queixo forte. Quando estava me sentando, fitei-a pela primeira vez com mais vagar; e quando já estava sentado, já tinha um juízo inabalável. Como se ... [interrupção do próprio autor].” (BROD, 1989b, p. 209; nossa tradução)

<sup>24</sup> Cf. Stach, 2008, p. 293.

Cumpramos destacar que a pronúncia correta do nome Milena, em tcheco, é como palavra proparoxítona, pormenor explicitado pelo próprio Kafka em um longo parêntese aberto em um trecho de carta escrita a Milena em 13/06/1920:

Hoje, Milena, um dado que talvez esclareça algumas outras coisas (que nome rico e forte, difícil de ser erguido graças à sua plenitude, e no início nem me agradava tanto, mais me parecia um grego ou romano perdido na Boêmia, violentado pelo tcheco, adulterado na pronúncia, mas que prodigiosamente é, por sua forma e cor, uma mulher que carregamos nos braços, para retirá-la do mundo, do fogo, não sei; e, dócil e confiante, ela se aconchega em teus braços, e dissonante é apenas a força da sílaba tônica no “i”; será que o nome não fugirá de teus braços? Ou por acaso não será apenas o salto de felicidade que tu mesma dás com o peso de teu corpo?):<sup>25</sup> (HAAS, 1952, p. 55)<sup>26</sup>

A citação acima exala romantismo e poesia sentimental, que, espremidos entre os parênteses, parecem gritar, sufocados, a fim de chamar a atenção da amada. Com essa estratégia pessoal de escrita, Kafka quis talvez emprestar – e logrou fazê-lo – mais valor ao conteúdo das frases entre os parênteses que ao próprio sentido do texto apresentado após os dois pontos e aqui omitido. E, se seu fito também era explicar o incômodo inicial com o acento tônico do nome Milena, o trecho em epígrafe é igualmente uma ode à força da portadora do nome. Em carta do dia 24/06/1920<sup>27</sup>, acrescenta mais um aspecto ao prenome que aprendera a amar: “Como tal [judeu tcheco], digo-te que, no nome Milena, realmente só é tcheco o diminutivo: Milenka. Se isso é ou não do teu agrado, é o que afirma a filologia” (ibid.; p. 76; nossa tradução).

Sobre Milena, nascida Jesenská em 10 de agosto de 1896<sup>28</sup> em Praga-Žižkov, Reiner Stach, dentre muitos detalhes biográficos, faz o seguinte apanhado do passado de uma Milena descrita como libertina e frívola, uma mulher que certamente fugia ao modelo imposto pelos padrões da época ao gênero feminino:

O que ela já vivenciara até essa data certamente ia muito além dos boatos fúteis que circulavam em Praga e não podia mais ser compatibilizado com a vaga ideia de uma libertinagem “não burguesa”. Dois abortos. Duas tentativas de suicídio. Furtos em lojas e falsidade ideológica. Uma relação lésbica. Abuso de drogas. Nove meses de internamento em uma clínica psiquiátrica. Alguns dias na prisão, mais uma vez devido a furto. Emprego de carregadora de bagagens. Vida em comum com a amante de seu marido.

<sup>25</sup> Depois dos dois pontos, vem o restante do trecho da carta que, não houvesse a intercalação das frases entre os parênteses, seria a continuação daquela frase inicial da citação: “Hoje, Milena, algo que talvez esclareça algumas outras coisas.” Por questão de espaço, omitiremos o trecho que vem após os dois pontos.

<sup>26</sup> Todos os trechos citados a partir das cartas compiladas por Willy Haas e editadas por Max Brod serão apresentados aqui em nossa tradução.

<sup>27</sup> Doravante, será omitida a menção do ano 1920, sempre que as cartas tiverem esse ano como referência.

<sup>28</sup> Milena se tornaria militante do Partido Comunista e da resistência contra os nazistas. Sem ser judia, faleceu no campo de concentração de Ravensbrück, em 1944, em decorrência de uma cirurgia nos rins.

Realmente era como se ela anulasse a ordem mundial, tanto a econômica quanto a moral. Agia com imprudência, de forma perdulária, tanto recebia quando dava. Sabia que sempre ficava um déficit. *Já jsem ten který platí*, foi como mais tarde ela formulou sua lei de vida: Sou quem paga. (STACH 2008a, p. 349)

Jan Jesenský, pai de Milena, era um homem de origem humilde que muito cedo ambicionou melhorar de vida; conseguiu fazer carreira de dentista – atuando não apenas em seu consultório particular, mas também no ambulatório da *Karlsuniversität* – graças ao dote recebido ao contrair núpcias com Milena Hejzlarová. Filha única, a menina herdou o prenome da mãe. Como os pais queriam que se formasse em Medicina, foi matriculada em um prestigioso colégio para moças, o Ginásio Minerva, que oferecia um currículo clássico orientado para a formação acadêmica (ibid.; p. 351). Como “minervista”, estudava línguas estrangeiras modernas, frequentava exposições, assistia a concertos e peças teatrais. Entretanto, uma anemia profunda abalou a saúde da mãe, que após longo sofrimento veio a falecer em 1913. Durante a doença materna, o pai encarregou a adolescente de atuar como cuidadora; aos 17 anos, após a morte da mãe, Milena se transformaria “em uma diaba” e praticamente declararia guerra ao próprio pai: fazia uso indevido da conta bancária paterna, enchia-se de dívidas, roubava as roupas do pai para presentear amigos necessitados etc. (cf. ibid.; p. 352). Milena deixaria de lado o plano de formar-se em Medicina; aos 20 anos, mais uma vez contrariando o pai, envolveu-se e casou com Ernst Pollak: “um alemão, é claro, e, como viria à tona, um judeu mal afamado devido às suas muitas ‘histórias envolvendo mulheres’” (ibid.; p. 353).

Em abril de 1920, quando já estava em Merano, Kafka recebeu uma carta de Milena, em que ela falava sobre a tradução do conto kafkiano *O fogueiro*. Em uma de suas primeiras cartas a Milena, o escritor dá este testemunho: “Ocorre-me que na verdade não consigo lembrar-me de nenhum detalhe específico de seu rosto. Apenas o modo como a Sra. foi embora por entre as mesas do café, sua silhueta, seu vestido, isso é o que ainda vejo” (ibid.; 1952, p. 10). Em carta de 02/06, Kafka refletia sobre a idade dos dois:

As duas cartas chegaram juntas, ao meio-dia; estão aqui não para serem lidas, mas para serem esparramadas, para pôr o rosto dentro delas e perder a cabeça. Mas agora parece que é bom quase ter perdido a cabeça, pois o resto a gente mantém intacto pelo máximo de tempo possível. E por isso meus 38 anos de judeu perante teus 24 anos de cristã dizem: Que tal? E onde estão as leis do mundo e toda a polícia do céu? Tens 38 anos e apresentas um cansaço que uma pessoa provavelmente não pode sentir apenas através da idade. (ibid.; p. 67)

Milena era correspondente de diversas revistas<sup>29</sup> de Praga e escrevia, por exemplo, sobre moda para o público feminino, mas tinha ambições literárias. E foi em um semanário literário praguense intitulado *Kmen* (O Tronco) que Milena publicou, na primavera de 1920, sua primeira versão para o tcheco de um texto de Kafka: “Estampado na primeira página, o nome dele: *Franz Kafka: Topič. Fragment. Se svolení autorovým přeložila Milena Jesenská* [‘O fogueira. Um fragmento. Traduzido por Milena Jesenská com o consentimento do autor’]” (STACH, 2000a, p. 360). Na Viena sacudida pelas dificuldades advindas da derrota na Primeira Guerra Mundial, Milena, para sobreviver, embora já estivesse casada, atuava como professora de línguas. Graças a seu intenso contato com a população vienense, através de “trabalhos ocasionais, aulas de idiomas, mas também ficando horas a vagar em busca de alimentos ou postada nas filas ou regateando com vendedores clandestinos” (STACH, 2008a, p. 359), adquiriu bons conhecimentos do dialeto local e percebeu que, com um olhar de jornalista, também poderia escrever sobre a vida social vienense. Em 1919 passou a publicar uma série de reportagens em língua tcheca no *Tribuna*, um jornal diário liberal praguense; recebia honorários e assinava apenas com as iniciais M. P. Embora o marido fosse bancário, a situação financeira do casal era difícil. Segundo Stach (2008a, p. 356), “em poucos meses o dote já fora gasto, até mesmo o enxoval de Milena fora vendido ou penhorado; em seguida, Pollak passou a recusar-se terminantemente a pôr dinheiro na mão da esposa”. O marido supunha que o dinheiro “desapareceria por entre os dedos [da esposa] em gastos com roupas, joias, flores, cocaína”, e já estava mesmo na hora de “ela ganhar seu próprio sustento” (*id.*). Kafka sempre se mostrava preocupado com as finanças da amada:

Agora algumas perguntas secundárias que a Sra. me permita fazer: por que e desde quando a Sra. está sem dinheiro? Por que, como a Sra. escreve, antes tinha contato com muitas pessoas em Viena e agora não circula com ninguém? (*ibid.*; p. 24)

Note-se, na citação precedente, o tratamento formal (*Sra.*) usado por Kafka. Essa carta remonta ao estágio inicial da correspondência, mais precisamente, maio de 1920. No dia 10/06, não apenas sugere à amada que se distancie do marido, como mais uma vez lhe oferece dinheiro, que ela um dia lhe poderia reembolsar:

---

<sup>29</sup> Em carta datada de 21/07/1920, ao fazer um pedido a Milena, Kafka nos informa em que revistas ela escrevia: “Por favor, [escreva] algumas palavras sobre teus trabalhos! Cesta? Lípa? Kmen? Politika?” (BROD, 1952, p. 114). Todos esses nomes eram títulos de revistas tchecas.

Em poucas palavras, é o seguinte: a Sra. se afasta algum tempo de seu marido, o que não é nenhuma novidade, já aconteceu uma vez. Os motivos são: a doença da Sra., o nervosismo dele (a Sra. proporciona um alívio também a ele) e, por fim, as circunstâncias reinantes em Viena. Aonde a Sra. querará ir eu não sei, o melhor para si poderia ser alguma região tranquila da Boêmia. Também será melhor que eu não me intrometa pessoalmente nem apareça. Adianta-lhe o dinheiro necessário (combinaremos as condições de reembolso), e a Sra. o aceita. (ibid.; p. 33)

Em 10/07, após reclamar que “antes de ontem somente chegaram “duas infelizes cartas, ontem apenas o telegrama (...), e hoje nada” (ibid.; p. 96), explica a Milena que lhe enviara um telegrama urgente com um pedido de resposta também urgente. Repete o texto do telegrama, em cujo final se lê: “Como devo te enviar dinheiro?” (id.). Em 16/07, Kafka envia nova carta a Milena, pedindo-lhe: “Por favor, escreva-me logo avisando se o dinheiro chegou. Caso tenha sido extraviado, farei nova remessa, e se também se perder, envio outro e mais outro, até não termos mais nada e somente então tudo ficará em ordem” (ibid.; p. 168s.). Em 19/07, volta a abordar a questão financeira, insistindo em que Milena planejasse umas férias, e ele as financiaria: “Em segundo lugar, não tenho falta nenhuma de dinheiro, tenho além do que preciso, partes disso, por exemplo o dinheiro para as tuas férias, me deixam aflito justamente por ainda estarem aqui” (ibid.; p. 108). A preocupação com a situação de penúria em que Milena vivia— sem sequer indagar sobre a causa do problema — era tema recorrente, como atesta este trecho de carta do dia 24/07:

Mas o fato de não estares comendo nada e teres fome (ao passo que aqui, sem o menor apetite, estou sendo engordado já a ponto de estourar) [...], isso não consigo te perdoar e nunca te perdoarei, e mesmo um dia, quando estivermos diante de nossa barraquinha, daqui a cem anos, isso será motivo para eu te murmurar reprimendas. Não, não estou brincando. Que contradição é essa? Afirmas que gostas de mim, que vives *por* mim e passas fome *contra* mim; aqui se encontra o dinheiro supérfluo e aí há o “Galo Branco”<sup>30</sup>. (ibid.; p. 126s)

Lampeja, nessa sua escrita, um sentimentalismo exacerbado que pouco lembra as parábolas secas e enigmáticas ou as alegorias prenhes de desesperança típicas de Kafka. Obcecado pela falta de dinheiro da amada, volta a tocar nesse assunto em uma carta do dia 10/08, justamente no dia do aniversário de Milena: “Não terias sido obrigada a estragar teu aniversário, se me tivesses escrito antes sobre o dinheiro. Vou levá-lo comigo. – Mas talvez nem dê para nos vermos, com tanta confusão bem que seria possível isso acontecer” (ibid.; p. 198). No fim de semana seguinte, 14 e 15/08,

---

<sup>30</sup> Restaurante vienense frequentado por Milena.

encontraram-se em Gmünd, na fronteira tcheco-austríaca, a meio caminho entre Viena e Praga.

Mais e mais, a correspondência com Milena foi assumindo a forma de um ato obsessivo: com demasiada frequência escrevia à amada, aparentemente também forçando-a, de modo ora implícito, ora explícito, a manter a mesma periodicidade no envio das cartas. Este trecho de uma carta do dia 12/07 ilustra como se dava a frequência, praticamente diária, das cartas enviadas por ele:

Foram no mínimo dois dias terríveis. Mas agora estou vendo que não tens culpa nenhuma com relação a isso, que algum demônio maligno reteve todas as tuas cartas de quinta-feira em diante. Na sexta-feira, recebi apenas teu telegrama; no sábado, nada; domingo, nada; hoje, quatro cartas, de quinta-feira, sexta-feira e sábado. Estou demasiadamente cansado para realmente conseguir escrever, demasiadamente cansado para de imediato encontrar nessas quatro cartas, nessa montanha de desespero, de sofrimento, de amor, de amor correspondido, aquilo que sobra para mim; quando a gente está cansado, fica tão egoísta, quando atravessou duas noites e dois dias se consumindo nos pensamentos mais abomináveis. Mas, em todo caso – e também isso é fruto de tua energia vitalizadora, Mãe Milena –, no fundo estou menos destroçado do que talvez em todos os últimos sete anos, salvo o ano que passei na aldeia. (ibid.; p. 98)

Pode-se supor que Milena talvez até se constrangesse por não poder manter o mesmo ritmo frenético e incessante imposto pelo amante para a correspondência; ela certamente vivia uma situação pessoal e familiar comparativamente mais complicada: além de trabalhar dando aulas e escrevendo para jornais e revistas, nos outros momentos talvez devesse estar na companhia do marido, o que – supõe-se – representaria mais um empecilho para dar vazão às muitas e frequentes cartas do amante. Paralelamente, Milena se tornaria a tradutora preferida de Kafka. Em abril de 1920, o escritor lhe escreve: “Prezada Sra. Milena, a Sra. está se empenhando na tradução em meio ao mundo sombrio de Viena. De alguma maneira, isso me emociona e me envergonha” (ibid.; p. 10). Cotidianamente realizando um trabalho burocrático, Kafka se sentia insatisfeito, mas não encontrava grande resistência, junto a seus superiores, para obter licenças médicas. Muito amiúde, eram-lhe concedidas licenças para tratamentos, terapias e temporadas de repouso em sanatórios ou estâncias termiais. Assim, se a doença lhe permitia distanciar-se de suas entediantes lides profissionais, ela também o fazia aproximar-se daquilo que realmente lhe causava prazer: seu labor literário. Além disso, usufruía do tempo de sobra para manter em dia suas correspondências. Tais fatos são atestados por estas palavras:

Ademais, o próprio Kafka estava atormentado por tosse, febre e um colapso nervoso, após lhe terem diagnosticado a tuberculose pulmonar em setembro

de 1917. Kafka, que estava cômico de que sua doença representava a morte, tentava extrair algum sentido de sua luta física que se iniciava. Interpretava a doença como uma saída das amarras burguesas em proveito da literatura. Desse modo, no final de 1917 abriu mão definitivamente do plano de casar com Felice Bauer. Ao mesmo tempo, já não mais estava dividido entre o trabalho no escritório e a escrita literária. (KILCHER, 2013; nossa tradução<sup>31</sup>)

Nas cartas enviadas a Milena, também merece destaque o uso do tratamento formal ou informal. Durante algum tempo, Kafka tratou Milena usando o pronome pessoal alemão *Sie*, indicador de tratamento respeitoso, que em português pode ser traduzido por “[a] Sra.”. Da mesma forma, no fecho de suas cartas, despidia-se com um *Ihr F.* [do seu F.], recorrendo ao pronome possessivo (*Ihr*) correspondente ao pronome pessoal *Sie*. Por vezes, também encerrava suas cartas com um simples *F.* Nas primeiras cartas, o tratamento respeitoso se fazia presente através do acréscimo da palavra *Frau* [senhora], antecedida de *Liebe* [cara, querida], ao primeiro nome: *Liebe Frau Milena* [Cara Sra. Milena]. Em nenhuma das cartas, fez uso de *Liebe Frau Pollak* [Prezada Sra. Pollak], fórmula usada para se destacar o distanciamento respeitoso/não-familiar. Através da combinação do pronome *Sie* com o primeiro nome Milena, e não com o sobrenome Pollak, quebra-se um pouco o tom solene, formal ou burocrático do uso do pronome de tratamento respeitoso. Mas tal abrandamento ainda não chegava ao tom íntimo e familiar conferido pelo pronome pessoal *Du* e pelo possessivo correlato *Dein*, que, a partir de um dado momento, passariam a ser empregados. Ainda hoje – apesar de algumas mudanças – os países de língua alemã fazem uma distinção bastante forte entre o tratamento formal-respeitoso e o informal-íntimo. A primeira carta de Kafka a Milena de que se tem notícia<sup>32</sup> é datada de abril de 1920, e a última correspondência, um cartão postal enviado de Berlim-Steglitz para o endereço de Milena em Viena: Lerchenfelderstraße 113/5, 7º distrito, ostenta a data de 25/12/1923. Analisando-se as cartas, conclui-se que somente a partir de 11/06 Kafka sugeriu a sua amada que o tratasse de maneira informal e, por conseguinte, íntima: “Mais uma vez tiro a carta do envelope; aqui é cabível [dizer]: Por favor, uma vez mais – não sempre, sequer estou querendo isso – volta a tratar-me por tu” (HAAS, 1952, p. 38). A partir daí a correspondência é mantida no tratamento informal, até o dia 20 de novembro de 1920,

<sup>31</sup> Cf. matéria publicada no jornal suíço *Neue Zürcher Zeitung* em 14/09/2013: <https://www.nzz.ch/freiheit-liebe-und-krankheit-zum-tod-1.18149736> ; último acesso: 10/01/2019.

<sup>32</sup> Não se sabe quantas cartas foram destruídas ou simplesmente desapareceram. Desconhece-se, por exemplo, se algumas cartas apenas não foram entregues por Milena a Willy Haas, visando, por exemplo, a preservar a memória dos dois amantes ou de alguém mencionado nos textos.

quando foi escrita a última carta desse ano de intensíssima correspondência. Depois de uma lacuna de um ano e quatro meses, surge uma carta enviada por ele, de Praga, no final de março de 1922. Nela, o tratamento já voltara a ser formal e distanciado: *Frau Milena* e *Sie* dão lugar a *Milena* e *du*, mostrando como já haviam perdido o sentido de intimidade.

A distância e os múltiplos impedimentos – de ordem pessoal, burocrática, oficial, prática etc. – tornaram o romance desenvolvido entre os dois um fenômeno mais epistolar que presencial, mais literário que carnal. A troca de cartas foi demasiadamente frequente e intensa sobretudo no primeiro ano, quando as mais diversas correspondências eram enviadas quase todos os dias: Kafka enviava cartas e cartões postais pelo correio tradicional, além de telegramas; no afã de obter respostas mais rápidas, também apelava para o chamado correio pneumático, um sistema municipal de envio de cartas e telegramas através de tubos de ar pressurizado<sup>33</sup>. Em suas cartas, não raro há frases do tipo: “Se eu for a Viena, te enviarei uma carta por correio pneumático” ou “Se na 5ª feira ainda não tiveres recebido nenhuma carta por correio pneumático, é que fui para Praga.”

## 2. Kafka e sua relação com línguas estrangeiras

Em uma de suas primeiras cartas a Milena, escrita em Merano em abril de 1920, Kafka mostra-se solidário com sua correspondente e tradutora, por ela estar ocupada com a primeira tradução de um conto dele “em meio ao mundo sombrio vienense” (ibid.; p. 10). A Áustria passava por sérios problemas após a Primeira Guerra Mundial, já que fora um dos países derrotados. Em rigor, o mundo inteiro atravessava grandes mudanças, mas o entorno geográfico do casal de amantes sem dúvidas estava no foco dos acontecimentos. O assassinato do sucessor do trono austro-húngaro, o arquiduque Francisco Ferdinando, por um grupo de estudantes nacionalistas sérvios em Sarajevo, na atual Bósnia, fora o estopim do conflito que envolveu várias nações. Assim, a Boêmia, com cerca de 7 milhões de habitantes, e sobretudo sua capital Praga, estivera no olho do conflito bélico. A Monarquia do Danúbio<sup>34</sup> dissolveu-se, impactando também a vida pessoal de Kafka:

<sup>33</sup> Criado em Londres em 1853, esse sistema fora pensado para atender a demanda de distribuição de correspondência dentro de um mesmo prédio dos correios (ou de uma firma, de uma biblioteca etc.) em tubos dotados de pressurização ou sucção do ar; nessa técnica, as remessas são embaladas em cápsulas tubulares dotadas de anéis de feltro ou couro e enviadas por via subterrânea (cf. DTV-Lexikon, 2006). Tratava-se de uma tentativa de desafogar o envio de correspondências urgentes, sobretudo telegramas. Em Praga, o correio pneumático, que ligava dois grandes correios, foi criado em 1887. Paris chegou a ter 467 km de conexões pneumáticas para envio de remessas postais urgentes, e Berlim, com a maior rede alemã, 400 km. Cf. <http://www.spiegel.de/einestages/rohrpost-a-947254.html>; último acesso em 10/01/2019.

<sup>34</sup> “Através do estabelecimento de um tratado com a Hungria em 1867, o Império da Áustria deixou de ser um Estado unitário e foi convertido em uma dupla monarquia. A metade austríaca e a metade húngara do Império tornaram-se partes constituintes autônomas do novo Estado, dispondo de direitos iguais. Em comum, os dois Estados tinham o Chefe de Estado, os Assuntos Estrangeiros e Militares, bem como as

Quando Kafka voltou mais uma vez a Praga [após suas temporadas em sanatórios e estâncias terapêuticas], a Dupla Monarquia estava à beira do colapso. Em outubro de 1918, a província da Boêmia foi transformada na República Tcheca; o contexto profissional de Kafka também foi tchequizado. Em meio a esses acontecimentos, Kafka foi acometido de uma nova doença: a perigosa gripe espanhola que custou a vida de milhões de pessoas e de que ele somente se livraria em dezembro [do mesmo ano] em Schelesen, no norte da Boêmia. (KILCHER, 2013; nossa tradução)

A nova ordem geopolítica mundial, com a imposição de novos controles de fronteiras, exigência de passaporte e vistos em lugares antes pertencentes ao conglomerado de Estados da Dupla Monarquia<sup>35</sup>, acabaria dificultando meras tentativas de encontros dos dois amantes: tão perto, mas tão longe.

No final de abril de 1920, ao receber uma tradução que Milena fizera – muito provavelmente de seu conto *O fogueira*<sup>36</sup>, que logo depois seria publicado na revista praguense *Kmen* –, Kafka mostrou-se grato, mas afirmou que teria preferido saber como a “cara Sra. Milena” estava passando, ao invés de abrir o envelope para escutar “a voz já bem conhecida saindo do velho túmulo” (ibid.; p. 14), referindo-se aos textos de sua própria lavra. Fez rasgados elogios ao trabalho da tradutora, dizendo-se profundamente tocado pela fidelidade de sua versão para o tcheco: “uma frasezinha após a outra, uma fidelidade que eu nunca teria suspeitado possível na língua tcheca, tampouco a autoridade natural com a qual a Sra. a exerce. Alemão e tcheco são línguas assim tão próximas?” (id., p. 15). Logo tratou de avisar a Milena que ela receberia o texto da narrativa *Ein Landarzt* [Um médico rural] de seu próprio editor, Kurt Wolff. Em resposta a alguma observação feita por ela sobre seus conhecimentos de língua tcheca, o escritor explica:

É claro que entendo tcheco. Algumas vezes já quis lhe perguntar por que a Sra. não me escreve alguma vez em tcheco. Não se trata de dizer, por exemplo, que a Sra. não domine perfeitamente o alemão. Em geral, a Sra. domina essa língua de maneira surpreendente, e se alguma vez acontece de não a dominar, ela se curva espontaneamente perante a Sra., e é quando fica ainda mais bonito; afinal de contas, um alemão não ousa esperar isso de sua própria língua, pois não escreve de modo tão pessoal. Mas eu queria ler algo escrito em língua tcheca pela Sra., já que a Sra. pertence a ela, porque só ali é que está a Milena por inteiro (a tradução confirma isso), enquanto que em alemão está apenas a Milena oriunda de Viena ou a que se prepara para Viena. Portanto, por favor, em tcheco. (ibid.; p. 15)

---

Finanças. Uma união monetária e alfandegária e uma aliança econômica renovada a cada dez anos garantia a unidade econômica de ambos os países.” BAMBERGER *et al.*, 1995, p. 162)

<sup>35</sup> Também chamada de Monarquia do Danúbio, Dupla Monarquia Imperial e Real ou Áustria-Hungria.

<sup>36</sup> Na tradução italiana das cartas de Kafka a Milena (KAFKA, 1988b, p. 7), há uma nota em que se especula se já não seriam algumas provas da tradução das *Betrachtungen* (Contemplações), a que ela já se dedicava.

Observando-se outras cartas suas enviadas posteriormente a Milena, percebe-se que ela deve ter passado a escrever-lhe em tcheco, pois o escritor faz referência a algumas passagens de cartas recebidas por ele, nas quais sua amada lhe escrevia em tcheco, pois ele retoma algumas palavras e/ou frases nessa língua, que na edição de Willy Haas são apresentadas em alemão em nota de pé de página. Vejam-se estes trechos:

Escreves: “Ano máš pravdu, mám ho ráda. Ale F., i tebe mám ráda”<sup>37</sup> – leio toda a frase com muita atenção, cada palavra, fico parado principalmente na palavra “i”<sup>38</sup>, está tudo certo, não serias Milena, se não estivesse certo, e o que seria eu, se não existisses, e é melhor que escrevas isso em Viena do que se o dissesses em Praga, entendo isso tudo muito bem, talvez melhor que tu [...] (ibid., p. 101s.)

Tua carta não se opõe à minha proposta, pelo contrário, pois escreves: “nejrádějí bych utekla třetí cestou která nevede ani k tobě ani s ním, někam do samoty”<sup>39</sup>. É a minha proposta, talvez a tenhas escrito no mesmo dia que eu. (ibid., p. 116)

Nascido judeu na Boêmia, região durante muito tempo pertencente à Monarquia Austro-Húngara e hoje parte integrante da República Tcheca, a primeira língua de Kafka foi o alemão<sup>40</sup>, idioma falado em casa. Mas dominava o tcheco, a língua da maioria dos cidadãos boêmios. Entretanto, o alemão de Praga em muito diferia daquele falado nas grandes cidades alemãs e mesmo austríacas. Wagenbach (1989, p. 56) atesta que “o purismo [linguístico] característico de Kafka, a construção sóbria das frases e a pobreza vocabular não são imagináveis sem os bastidores do alemão praguense”. Exígua e fria, a prosa kafkiana recorre a pouca variedade de vocabulário. Fritz Mauthner (*apud* WAGENBACH, 1989, p. 55), escritor judeu austro-húngaro, afirmou: “o cidadão alemão no interior da Boêmia, cercado por uma população rural tcheca, fala um alemão burocrático<sup>41</sup>, falta diversidade de expressões

<sup>37</sup> “Sim, tens razão. Gosto dele. Mas, F., também gosto de ti.”

<sup>38</sup> “Também”.

<sup>39</sup> “Eu preferia fugir por uma terceira via, que não leve a ti nem junto com ele, rumando para algum lugar na solidão.”

<sup>40</sup> Sobre esse tema, cf. Wagenbach (1989, p. 17): “A origem muito diferenciada dos pais de Kafka (nela se encontra representada justamente a mistura social e linguística da antiga Boêmia) fica mais uma vez visível no registro do casamento entre Hermann Kafka e Julie Löwy, no Cartório Civil de Praga, em setembro de 1882: Hermann, oriundo do proletariado provinciano tcheco-judeu, também morava em Praga, nas favelas do gueto, que muito tempo antes já havia sido abandonado e, duas décadas mais tarde, foi definitivamente demolido. Julie provinha da burguesia abastada e culta teuto-judaica e morava em uma das casas mais bonitas da Praça da Cidade Velha, na casa Smetana.” (nossa tradução)

<sup>41</sup> Recorde-se que a capital do Império era Viena, onde o alemão era a língua natural e oficial.

desenvolvidas na própria terra, falta variedade de formas dialetais. A língua é pobre”<sup>42</sup>.

Wagenbach vê explicações linguísticas para a alienação de Kafka:

O alemão burocrático e seco de Praga era incapaz de gerar uma intimidade imediata; a própria língua sempre possuía um resto de alienação, e o distanciamento de cada palavra se instalava por si só. Livres de serem niveladas através do uso geral, palavras, metáforas e colocações lexicais voltavam a ganhar sua riqueza semântica original, tornavam-se imagetivamente mais ricas e prenes de possibilidades de associações. (WAGENBACH, 1989, p. 56)

Nessa língua um tanto parca de variações, Kafka firmou-se como um dos grandes nomes da literatura germanófono do século XX, e seu sobrenome deu origem inclusive ao adjetivo *kafkaesk*, oficialmente reconhecido pelo *DUDEN Wörterbuch*, o dicionário-padrão da língua alemã, em 1973<sup>43</sup>. Em outras línguas também encontrou correspondentes: *kafkiano* (português, espanhol, italiano), *kafkaïen* (francês), *Kafkaesque* (inglês) etc. Se em seu cotidiano usava um vocabulário restrito a seu meio, Kafka sempre cultuou e leu vários autores clássicos de expressão alemã, desde Klopstock, passando por Goethe e Schiller, até Nietzsche. Sobre sua relação pessoal com as línguas tcheca e alemã, Kafka escreveu em uma carta datada de maio de 1920:

[...] nunca vivi em meio ao povo alemão, o alemão é a língua de minha mãe e por isso me é natural, mas o tcheco me toca o coração, por isso a carta da Sra. elimina algumas incertezas, posso ver a Sra. com mais clareza, os movimentos de seu corpo, as mãos, tão vivas, tão decididas, é quase um encontro; mas se eu quiser levantar os olhos até a altura de seu rosto, ao longo da carta irrompe – que história! – fogo, e somente vejo fogo. (HAAS, 1952, p. 22s.)

Com base em suas pesquisas, Stach (2014, p.147ss.) informa que Kafka, após fazer um balanço de uma série de interesses que teria acompanhado sem grande convicção ou que simplesmente teria abandonado, citou “piano, violino, línguas”. No tocante às línguas clássicas, Kafka dedicou-se ao estudo de latim e grego e “até poderia ter mudado para uma faculdade de Letras Clássicas”. Em seu colégio, o *Altstädter Gymnasium*, as línguas modernas tinham como foco o tcheco, que ele dominava muito bem, e o francês, que usava para ler romances no original. De resto, sua família mantinha uma governanta belga, o que não necessariamente garantia um domínio da língua francesa. O interesse pelo hebraico somente surgiria mais tarde, já na idade adulta, quando, influenciado por outros jovens intelectuais judeus, buscou estudar mais sobre o judaísmo e pensou inclusive em fazer uma viagem à Palestina. Em sua lista,

<sup>42</sup> Nossa tradução.

<sup>43</sup> <https://www.faz.net/aktuell/feuilleton/buecher/autoren/war-kafka-eigentlich-kafkaesk-12968832.html>; último acesso em 10/01/2019.

também despontara o iídiche, sobretudo graças às muitas peças de autores judeus encenadas em Praga nessa língua.

### 3. *Angst*: medo, angústia e ansiedade

Em vários trechos das cartas de Kafka, surge a palavra alemã *Angst* [medo] em diversos contextos, representando, na maioria das vezes, os temores que o afligiam na vida pessoal em geral e na vida amorosa em particular. Como vocábulo simples ou parte de um substantivo composto, *Angst* aparece mais de cem vezes; comparada à palavra *Liebe* [amor], o medo era mais frequente que o amor, pois *Liebe* é mencionado menos de trinta vezes. Com o advento da Psicanálise freudiana, o vocábulo *Angst* alemão assumiu, em traduções brasileiras, diferentes sentidos que também estão, amiúde, presentes no cotidiano de Kafka. Sobre as traduções brasileiras dessa palavra, destaque-se:

O termo *Angst* (literalmente significa “medo”) é traduzido geralmente para o português como “ansiedade” (seguindo a vertente da tradução inglesa, *anxiety*) ou como “angústia” (de acordo com a tendência francesa, *angoisse*). Nem sempre é possível diferenciar os termos “medo”, “ansiedade” e “angústia” entre si. Conforme o contexto, tanto *Angst* (“medo”) como *Furcht* (“temor”, palavra também ocasionalmente empregada por Freud) podem corresponder a “ansiedade” e mais raramente a “angústia”; entretanto, a rigor, nem *Angst* nem *Furcht* correspondem em alemão a “ansiedade” ou a “angústia”. (HANNIS, 1996, p. 62)

Ao repetir *ad nauseam* a palavra *Angst* ou termos correlatos e/ou sinônimos nas cartas, Kafka confere a essa categoria um valor de destaque em seu cotidiano normalmente marcado por tédio, tristezas, insatisfações e dúvidas em relação ao porvir. Decerto, por vezes o medo a que ele se refere concerne a outras pessoas, como Milena. O trecho a seguir encerra um exemplo em que o medo é expresso por outros vocábulos:

Acho, Milena, que compartilhamos uma peculiaridade: somos tão tímidos e medrosos, quase toda carta é diferente, quase cada uma delas se assusta com a precedente e ainda mais com a carta-resposta. A Sra. não é assim por sua própria natureza, facilmente se pode constatar isso; e talvez tampouco eu o seja por minha própria natureza, mas isso quase já se tornou natural, somente se dissipa no desespero e, no máximo, na ira e, não esqueçamos: no medo. (HAAS, 1952, p. 41)

No fragmento acima, o medo primeiramente é expresso pelos adjetivos “tímidos” e “medrosos”, sendo em seguida reforçado pela palavra “medo”, posta em relevo após os dois pontos, como forma de conclusão de todo o bloco de raciocínio. Não raro, o medo do escritor também era um reflexo de sua insegurança perante a amada, como mostra este trecho de uma carta do dia 09/07: “Desculpa-me o falatório das onze

cartas, põe-nas de lado, agora vem a realidade que é maior e melhor. Medo, no momento, acho que só devemos ter por causa de uma coisa: teu amor por teu marido” (ibid.; p. 94). Esse complexo de inferioridade de Kafka perante o rival é, de certa forma, mais um *leitmotiv* que permeia algumas cartas. A distância física entre os dois e o pouco interesse de Milena por separação – embora em algum momento de sua vida conjugal já tivesse se separado de Ernst Pollak – eram motivos sobejantes para fazê-lo temer a perda da amada. Por vezes, Kafka também tentou encobrir outro tipo de temor: ciúmes. É o que também fica implícito em uma carta de 15/07:

A carta noturna do “Galo Branco” e a carta da segunda-feira chegaram juntas, a primeira provavelmente é a posterior, mas não o posso assegurar. Só as li rapidamente uma vez, muito por cima, e preciso responder-te logo, pedir-te para não me lewares a mal... E não se trata de ciúme nenhum, tudo gira em torno de ti; porque quero te cingir por todos os lados, portanto, também pelo lado do ciúme, mas isso é tolice e não acontecerá, são apenas os sonhos doentios da solidão. (ibid.; p. 105s.)

Nesse fragmento, nega ter ciúmes, mas em seguida assume a necessidade de cingir a amada “pelo lado do ciúme”, além de reconhecer o mal que é a solidão. De forma enigmática, Kafka afirma, em um fragmento de carta datada de 23/07, não ser ciumento: “E não tenho nada de ciumento, creia-me, mas é realmente difícil aceitar que seria supérfluo ser ciumento. Consigo sempre não ser ciumento, porém, aceitar a superfluidade do ciúme, apenas às vezes” (ibid., 132). Em 28/07, escreve a Milena:

Curioso que teu marido diga que vai me escrever, isso e aquilo. E bater e estrangular? Realmente não entendo. Claro que creio inteiramente em ti, mas me é tão impossível imaginar isso que chego a ponto de não sentir nada, como se fosse uma história bem distante e totalmente alheia a mim” (ibid.; p. 160)

Recorrendo a diferentes metáforas para descrever seus momentos de solidão e infelicidade, esse anti-herói apaixonado quase sempre voltava a descrever o medo que o corroía e que podia assumir uma forma medonha. Observe-se o destaque dado à palavra medo, escrita entre aspas após dois pontos, neste trecho de carta enviada em 16/07:

Para continuar o assunto anterior: contigo no coração, posso aguentar tudo, e se alguma vez escrevi que os dias sem tuas cartas eram horríveis, isso não é correto, apenas eram horrivelmente pesados, o barco estava pesado, o calado do barco era horrível, mas, de uma maneira ou de outra, ele flutuava em tua maré. Apenas uma coisa, Milena, sem tua ajuda expressa, não dá para aguentar: o “medo”; para tanto, sou demasiadamente fraco, sequer consigo lançar um olhar na direção desse monstro que me arrasta. (ibid.; p. 168)

Essas suas palavras revelam que, na opinião do apaixonado, o medo desmesurado somente poderia ser superado com a coadjuvação da amada, pois sozinho

não teria forças para enfrentar a monstruosidade do medo. De certo modo, esse temor resumia seu imenso medo de ficar sozinho, de não poder sempre contar com uma *Mãe Milena* a seu lado (cf. (ibid.; p. 98). Em carta de 09/08, mais uma vez aborda a questão do medo, discorrendo sobre duas palavras tchecas que Milena mencionara na carta precedente: *strach* [medo] e *touha* [saudades, desejo]. Aproveita para também mencionar um texto seu que, repetidas vezes, prometeu enviar a ela, a célebre *Brief an den Vater* [Carta ao Pai]<sup>44</sup>, em que se veem bem estampados alguns dos medos que nutria por seu pai. Afirmando só sentir *strach*, Kafka descreve na carta a Milena mais uma cena marcada por medos, não necessariamente relacionados ao pai, mas à sua própria vida sexual:

Lembro-me da primeira noite. Àquela época, morávamos na Zeltnergasse, em frente havia uma loja de confecções, à porta sempre estava uma vendedora, e eu, lá em cima, vinte e poucos anos, ficava andando de um lado para o outro do quarto, ocupado estudando, à custa de muita tensão nervosa, coisas absurdas para o Primeiro Exame Estatal [de Direito]. Era verão, fazia muito calor, essa mesma época, estava realmente insuportável, eu sempre ficava parado à janela com aquela hedionda História do Direito Romano entre os dentes, até que acabamos por nos comunicar através de sinais. À noite, às 8 horas, eu deveria ir pegá-la, mas quando descí à noite, lá já estava um outro, e isso não mudou muito a situação, eu tinha medo do mundo inteiro, portanto, também desse homem; se ele não estivesse lá, eu *também* teria tido medo dele. (ibid.; p. 180s.)

Nesses longos parágrafos, com pausas feitas mormente com vírgulas, veem-se palavras que jorram aos borbotões, as quais muito bem traduzem, por um lado, a sofreguidão da cena descrita e, por outro, anunciam a aflição sentida por ele perante o novo. E mais uma vez esbarraria no medo: afinal de contas, *sentia medo do mundo inteiro*. Apesar desse medo, instintivamente resolveu seguir o casal, em resposta a um sinal feito pela moça. Em um dado momento, pararam para beber uma cerveja, e Kafka fez o mesmo, sentando-se a uma mesa próxima. Em seguida, dirigiram-se à casa da moça, sempre com o tímido rapaz em seus calcanhares; de repente, o desconhecido se despediu. Após um instante de espera, a moça veio a seu encontro; Kafka e ela se encaminharam a um hotel: “Já antes do hotel, tudo isso era excitante, empolgante e abominável; no hotel não foi diferente” (ibid.). Na enumeração de três adjetivos, vê-se a

---

<sup>44</sup> Em carta do dia 21/06, Kafka escreve: “se um dia quiseres saber como era minha situação antes, envio-te de Praga a gigantesca carta que escrevi a meu pai há uns seis meses, mas que ainda não lhe entreguei” (HAAS, 1952, p. 66). Em 04/07, Kafka volta a abordar o mesmo tema: “Amanhã te enviarei, ao endereço de tua casa, a Carta ao Pai, por favor guarda-a bem, pode ser que um dia eu queira entregá-la ao pai. Toma cuidado, na medida do possível, para que ninguém a leia. E, quando a leres, compreende todas as filigranas advocatícias, é uma carta de advogado. E, além disso, nunca te esqueças de teu grande porém” (id.; p. 80).

sequência de dois qualificativos positivos ser quebrada por um terceiro com conteúdo bastante negativo: abominável. Embora possa ser traduzido como “abominável, execrável, vil, desprezível” etc., o termo alemão originalmente usado pelo escritor provém do substantivo *Scheu*, que também traz em seu bojo a ideia de timidez. A moça e ele passaram toda a noite juntos e na manhã seguinte, quando já cruzavam a *Karlsbrücke*<sup>45</sup> na direção de casa, o rapaz se sentiu feliz: “[...] mas a minha felicidade consistia principalmente no fato de tudo não ter sido *ainda* mais abominável, *ainda* mais sujo” (ibid.; grifos do autor). Essa experiência talvez tenha sido o motor de outras dificuldades envolvendo a prática sexual na vida de Kafka. Ainda tiveram mais uns dois *rendez-vous*, mas não tardou que ele passasse a encará-la como uma “inimiga”, embora fosse “uma moça boa e amável, sempre me seguia com um olhar de quem não estava entendendo nada” (ibid., p. 181). Em carta de 09/08, Kafka descreve, de forma cifrada, seu sentimento quanto àquela cena:

Não quero dizer que o único motivo de minha hostilidade tenha sido (com certeza não foi) o fato de a moça, com toda sua inocência, ter cometido uma pequena abominação (que não vem ao caso), ter dito uma pequena sujeira (que não vem ao caso), mas a lembrança permaneceu, no mesmo instante eu soube que nunca esqueceria isso e ao mesmo tempo sabia ou achava saber que essa coisa abominável e suja decerto não tinha necessariamente uma ligação externa, mas necessariamente uma ligação interna com o todo, e que justamente essa coisa abominável e suja (cujo pequeno indício fora apenas seu pequeno ato, sua pequena palavra) me atraía com uma força tão insana àquele hotel, do qual eu normalmente me teria esquivado com minhas últimas forças. (ibid.; p. 181s.)

Engendrada à custa de ousadia e concluída com um misto de abominação e sujeira, essa experiência sexual pode ter criado em Kafka uma rejeição pela vendedora em particular, mas também pode tê-lo marcado para sempre em sua forma de encarar o sexo até mesmo na fase da maturidade. Conforme Stach (2014, p. 260), Kafka nunca participara das provas de “coragem erótica” dos rapazes do colégio, “e mesmo quando conseguiram rebocá-lo até uma casa noturna, preferiu guardar um distanciamento irônico (na verdade, cheio de medo)” (ibid.). Sobre a sexualidade de Kafka, seu primeiro biógrafo, Max Brod, que o conhecia muito bem, chegou a comparar, lançando mão de alguns elementos de Psicanálise, as pessoas de Proust, Kleist e Kafka, que, até alcançarem a idade adulta, foram marcados pelas “impressões da infância”, assim como pelo “fator dominante de suas famílias e da tradição familiar”. Brod ressalta a importância do “complexo erótico materno subconsciente” e de um “ódio subconsciente

---

<sup>45</sup> Tombada como patrimônio histórico e cultural da UNESCO, a *Karlsbrücke* – Ponte Carlos – é uma das mais antigas da Europa e está situada sobre o rio Moldava (Vltava, em tcheco).

ao pai” (BROD, [1947] 1960, p. 32). Binder & Parik (1982) apontam que Kafka parecia ter encontrado, em Milena, justamente a mulher que “incorporava aqueles aspectos de que ele, quando criança, sentia falta na atitude de sua mãe perante ele: a aceitação incondicional de seu caráter singular, o acatamento de seus desejos-pulsões e o reconhecimento de sua carência amorosa” (BINDER; PARIK, 1982, p. 202). Stach (2008b, p. 110) define melhor essa carência, afirmando que “Kafka ansiava por intimidade, por convivência duradoura, mas essa convivência íntima somente lhe parecia possível com uma mulher que estivesse igualmente distante das duas imagens neuróticas da mulher – mãe e prostituta”.

### **Considerações finais**

As muitas cartas escritas por Kafka a Milena podem ser entendidas sob diferentes perspectivas. Por um lado, são a expressão de uma catarse empreendida por ele ao abordar, a partir da meta-discussão gerada nas correspondências, seus problemas como homem solteiro e como aspirante a uma nova relação. Por outro lado, podem também ser interpretadas como peças de uma antologia íntima de natureza epistolar e literária, em que Kafka se mostra romântico, sentimental e, mais que nunca, vulnerável e nu perante todos, sobretudo diante do desejo, do amor e do sexo, grandezas que geralmente o assombravam. Durante o namoro com Felice, Kafka já deixara patente, como mostram registros em seu diário (KAFKA, 1989b), sua atitude em relação ao sexo: “O coito como punição da felicidade do convívio. Viver o mais asceticamente possível, mais asceticamente que um celibatário, eis, para mim, a única possibilidade de suportar o casamento. Mas, e ela?” Esse registro foi feito em 13 de agosto de 1913; sete anos mais tarde, as cartas a Milena ainda revelavam um forte apego a uma exaltação do convívio – de preferência epistolar – em detrimento de uma vida a dois. Não se pode negar que também buscava meios de encontrar a amada, diversas vezes insistiu em que ela saísse um pouco de Viena e fosse até a Boêmia. Nas cartas entregues por Milena a Haas somente se confirmam dois momentos de real encontro entre esses dois personagens de um curto e denso romance epistolar: a primeira vez foi em Viena, quando, ao deixar Merano, parou naquela cidade para ver a amada, e a segunda, após longas negociações, em Gmünd. Antes de parar em Viena, Kafka afirmou claramente que não gostaria de ir até lá, pois não suportaria esse “esforço psíquico” (HAAS, 1952, p. 50). Ressaltava sobretudo seus problemas pulmonares, que decerto também influenciavam em seu estado anímico. Perante Milena, também se sentia, “aos 37, quase

38 anos, quase uma geração mais velho [que ela], quase com cabelos brancos devido às velhas noites e dores de cabeça” (ibid.).

A leitura de suas cartas traz a lume que Kafka quase sempre estava preocupado com os muitos problemas que afligiam Milena, desde impasses em sua vida pessoal e financeira até suas doenças. Simultaneamente, por certo Milena também tinha uma série de questionamentos sobre ele, a que infelizmente não podemos ter acesso devido ao extravio ou à destruição de suas cartas. Todavia, essa breve e intensa correspondência aponta para a quase impossibilidade de uma vida em comum envolvendo Milena, uma mulher de certo modo acostumada a uma vida mais libertina e um tanto à margem da lei, e Kafka, um homem extremamente sisudo, que temia o sexo e a intimidade, por, ao que parece, associá-los a coisas abomináveis e sujas.

### Referências

- BAMBERGER et al. 1995. **Österreich-Lexikon**. 2 vol. Viena: Ed. Hölzel, 1995.
- BINDER, H.; PARIK, J. **Kafka. Ein Leben in Prag**. Munique: Mahnert-Lueg, 1982.
- BROD, M. (ed.). **Franz Kafka Briefe 1902-1924**. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1989a.
- BROD, M. (ed.). **Franz Kafka. Tagebücher 1910-1923**. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1989b.
- BROD, M. **Franz Kafka. A Biography**. Nova Iorque: Schocken Books, [1947] 1995.
- DTV-LEXIKON. **dtv-Lexikon in 24 Bänden**. Munique: Wissen Media Verlag, 2006.
- HAAS, W. **Briefe an Milena**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1952.
- HANNS, L. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. R. de Janeiro: Imago, 1996.
- KAFKA, F. **Lettere a Milena**. Trad. de E. Pocar & E. Ganni. Milão: O. Mondadori, 1988.
- KAFKA, F. **Três cartas a Milena Jesenská**. Trad. de Álvaro Gonçalves. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- KILCHER, A. **Freiheit, Tod und Krankheit zum Tod**. Zúrique: Neue Zürcher Zeitung, 14/09/2013; em: <https://www.nzz.ch/freiheit-liebe-und-krankheit-zum-tod-1.18149736>
- STACH, R. **Die Jahre der Erkenntnis**. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 2008a.
- STACH, R. **Die Jahre der Entscheidungen**. Frankfurt a. M.: S. Fischer, [2004] 2008b.
- STACH, R. **Die frühen Jahre**. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 2014.
- WAGENBACH, K. **Franz Kafka**. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, [1964] 1989.

## FRANZ KAFKA'S LETTERS TO MILENA JESENSKÁ: AN EPISTOLARY NOVEL BETWEEN FEARS AND DESIRES

### Abstract

Página | 68

In April 1920, Franz Kafka was in Merano, at that time a very well-known health resort for people suffering from lung diseases, when he began a correspondence with Milena Jesenská. She was a young Czech intellectual with a rather troubled past, who was heartily interested in translating some of Kafka's narrative work into Czech and publishing them in Prague magazines. Married to the Jewish-Czech scholar Ernst Pollak, Milena lived in Vienna, where, in the immediate aftermath of the World War I, she experienced serious financial difficulties. For Kafka, his intense correspondence with Milena would become an obsession and, for her, perhaps the promise of a refreshing to soften her many daily problems. Both due to the geographical distance, since Kafka lived in Prague, and perhaps to the sexual inhibitions of the writer, this exchange of letters – of which only the letters written by him could be recovered – ended up in few really intimate contacts, becoming much more, especially for Kafka, a form of *writing about letters* (STACH, p. 363). The main objective of this article is to present a panorama of three themes developed from Kafka's letters to his beloved, namely: a) Kafka's lover and translator; b) Kafka and his relationship to foreign languages; and c) fear, anguish and anxiety. One of the conclusions presented in this article points to his almost impossibility of living together with Milena, who was quite accustomed to a more libertine life and even outside of the law, and Kafka, an extremely stern man who had many fears and concerns in relation to sexual practice.

### Key words

Franz Kafka. Milena Jesenská. Correspondence.

Recebido em: 09/12/2018

Aprovado em: 27/02/2019